



Solange Maria de Barros¹

Resumo: Neste trabalho discuto algumas abordagens transdisciplinares para a análise crítica do discurso, destacando aspectos da gramática sistêmico-funcional e do realismo crítico. Essas teorias são relevantes para os analistas críticos do discurso que desejam remover não somente o véu ideológico das estruturas sociais do poder, opressão e dominação, mas também agir nas práticas sociais, com objetivo de transformação. Ao discutir essas abordagens, sugiro também o uso de narrativas de histórias de vida.

Palavras-chave: análise crítica do discurso; gramática sistêmico-funcional; realismo crítico.

Abstract: In this paper I discuss some transdisciplinary approaches for Critical Discourse Analysis, pointing out aspects of Systemic-Functional Grammar and Critical Realism. These theories are relevant for critical discourse analysts that wish to remove not only the ideological veil of the social structures of power, oppression and domination, but also to act in the social practices in order to change them. Discussing these approaches, I also suggest the use of narratives of life histories.

Keywords: critical discourse analysis, systemic-functional grammar, critical realism

¹ Professora do Departamento de Letras da UNEMAT, campus universitário de Cáceres. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. E-mail: solbip@yahoo.com.br

Introdução

Já é consenso entre os analistas críticos do discurso a necessidade de entender a linguagem como *prática social* (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003; KRESS, 1990; VAN DIJK, 1993), entre outros. A linguagem contribui para a “produção, manutenção e mudança nas relações sociais de poder”, bem como “amplia a consciência de como ela contribui para a dominação de umas pessoas sobre outras, já que a consciência é o primeiro passo para a emancipação” (FAIRCLOUGH, 1989, p.1). Para os analistas críticos do discurso, a linguagem não é algo puramente individual; ao contrário, é carregada de sentidos, a ela subjaz uma ideologia. A linguagem como prática social implica, conforme Fairclough (2003, p.94), questões de ordem econômica, política, cultural e ideológica.

Os estudiosos críticos do discurso consideram algumas abordagens de análise de textos (orais e escritos) necessárias para garantir uma dimensão mais crítica na pesquisa social. De acordo com Fairclough (2003), a abordagem da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994) contribui para a análise linguística dos textos. Outros analistas críticos do discurso têm se utilizado de estudos da *pragmática* para análise dos atos de fala (CHILTON, 1985; VAN DIJK, 1988) e de relatos de histórias de vida (PAPA, 2005, 2007, 2008), sendo esta considerada como uma rica ferramenta para uma melhor compreensão dos níveis micro e macrossocial. Há, ainda, os estudos da etnografia (CHOULIARAKI, 1995; RESENDE, 2008) e uma versão de análise crítica baseada na *crítica explanatória*, desenvolvida por Bhaskar (1986), e considerada por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) como uma forma de linguagem crítica, visando à emancipação social. Conforme nos assegura Kress (1990), os analistas críticos do discurso buscam não apenas desvelar o modo como as práticas linguístico-discursivas imbricam nas estruturas sociopolíticas de poder e dominação, mas, principalmente, operar mudanças nessas mesmas práticas e estruturas sociais.

Neste artigo, apresento reflexões transdisciplinares para a Análise Crítica do Discurso (ACD), ressaltando aspectos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) e do

Realismo Crítico (RC), considerados de suma importância para os analistas críticos que desejam não apenas remover o véu ideológico das estruturas sociais de poder, opressão e dominação, mas também agir nas práticas sociais, de modo a transformá-las. Ao discutir os aspectos transdisciplinares para a ACD, teço algumas considerações sobre a utilização dos relatos de histórias de vida.

Análise Crítica do Discurso e Gramática Sistêmico-Funcional

A linguagem é elemento básico na vida social, sendo, portanto, parte da sociedade. A linguagem como processo social deve, necessariamente, envolver o discurso, pois, segundo Fairclough (1989, p.25),

envolve condições sociais, que podem ser especificadas como condições sociais de produção e condições sociais de interpretações. Além disso, essas condições sociais se relacionam com três diferentes 'níveis' de organização social: o nível da situação social, ou o meio social imediato, no qual o discurso ocorre; o nível da instituição social, que constitui uma matriz mais ampla para o discurso; e o nível da sociedade como um todo. (tradução minha).

De acordo com Fairclough (2001, p.82), "discurso é uma prática, não de representação do mundo, mas de significação no mundo, constituindo e construindo o mundo em significado". O discurso contribui para a construção de *identidades sociais*, "relações sociais entre as pessoas" e "sistemas de conhecimento e crença" (FAIRCLOUGH, 2003, p.91).

Do ponto de vista metodológico, alguns aspectos do discurso são relevantes para a análise de textos. Ou seja, o discurso é visto sob estas três dimensões, conforme (FAIRCLOUGH, 1989, 2001):

- (i) *Texto* - descrição dos aspectos relevantes da estrutura textual (oral ou escrito);

(ii) *Prática discursiva* - interpretação do texto, incluindo a produção, distribuição e consumo (leitura e interpretação);

(iii) *Prática social* - explanação da relação dos processos discursivos e sociais. Fazer uma análise crítica do discurso implica, portanto, considerar esses três níveis tridimensionais. A seguir, explicitarei cada um deles.

No primeiro nível – o *Textual* -, o analista deve considerar a GSF, uma vez que essa abordagem propõe a descrição minuciosa e sistemática dos padrões linguísticos. A análise do texto (oral ou escrito) é vista sob a perspectiva sociosemiótica, na qual os significados são entendidos a partir de escolhas linguísticas, estruturalmente organizadas (HALLIDAY, 1994). As escolhas que o falante/escritor faz, segundo Halliday (1994), operam em todos os níveis do discurso: lexical, sintático, modal e é por meio delas que se pode perceber o nível de expressividade presente numa determinada situação comunicativa. O léxico utilizado num texto carrega traços da identidade do falante/escritor, uma vez que as escolhas feitas por ele podem estar transparentes ou não, precisando, portanto, ser desveladas. A análise linguística permite, dessa forma, interpretar os significados presentes nos textos.

No segundo nível – *prática discursiva* –, o analista considera a interpretação do texto, ou seja, questões inerentes à produção, à distribuição e ao consumo (leitura e interpretação). Nesse nível de análise, os aspectos intertextuais e interdiscursivos presentes no texto devem ser avaliados. Fairclough (2001, p.115) explica que a *prática discursiva* deve combinar *microanálise* e *macroanálise*. Conforme o autor, é a natureza da *prática social* que determina a prática discursiva.

No terceiro nível – *prática social* –, o analista procura pela explicação macrossocial da prática discursiva. Nesse nível de análise, busca-se compreender como as estruturas sociais moldam os textos e como eles as refletem. A análise da *prática social* traz à tona os efeitos ideológicos e políticos presentes nos textos. Fairclough (2001) assegura que ao sermos capazes de identificar a natureza da prática social,

seremos capazes de explicar os seus efeitos sobre a prática social.

A ACD tem procurado expandir seu modelo de análise, na relação entre os níveis textual e social. Ela tem apresentado, por exemplo, princípios metodológicos que podem contribuir para o aprimoramento da análise de textos orais e escritos. A ênfase na *análise interdiscursiva* de textos (em termos de hibridade de gêneros, discursos e estilos) é uma tentativa, por exemplo, de suprir o espaço existente entre texto e contexto, isto é, entre linguagem e contexto social.

Nessa perspectiva, é relevante para o analista de discurso crítico se utilizar da GSF, a fim de se investigar melhor a linguagem do ponto de vista micro e macrossociais. A ACD e a GSF podem proporcionar ao analista crítico do discurso uma visão mais holística do contexto social investigado, estreitando cada vez mais o elo entre o texto e o contexto, entre o social e o linguístico. A convergência dessas duas concepções teórico-analíticas é uma forma dialética de olhar a linguagem sob vários prismas. Trata-se de diferentes modos de enxergar e sentir a realidade e o mundo, para compreender melhor os mecanismos sociais de dominação e resistência ou de emancipação e transformação social.

Análise Crítica do Discurso e Realismo Crítico

Para os analistas de discurso (cf. CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), o termo Realismo Crítico² surge pela primeira vez para explicar a organização da vida social como um sistema aberto. Esses autores (1999), em consonância com Bhaskar (1986, 1998), entendem que há várias dimensões da vida social, incluindo os aspectos físico, químico, biológico, econômico, social, psicológico e

² O Realismo Crítico refere-se à ideia de que existe uma realidade exterior, independente das concepções que se tenha dela. Bhaskar (1998) distingue não apenas o mundo e a nossa experiência, mas a sua estratificação ontológica $\frac{3}{4}$ a questão do Ser, representado pelos três domínios da realidade: o *Real*, o *Realizável* e o *Empírico*. O domínio do *Real* pode ser entendido como tudo que existe na natureza, sejam eles objetos naturais (estruturas atômicas e estruturas químicas), sejam sociais (idéias, relações sociais, modos de produção etc.). O domínio do *Realizável* consiste em eventos ou atividades que são realizadas e, portanto, geram efeitos de poder, podendo ser observáveis ou não. O domínio do *Empírico* é entendido como o domínio da experiência. Se tomarmos o exemplo de qualquer trabalhador, seja ele professor, seja médico etc., sua capacidade física e mental se concentra no domínio do *Real*, enquanto seu trabalho como atividade que gera efeito de poder, se concentra no domínio do *Realizável*.

linguístico e que estes possuem estruturas distintas, com efeitos gerativos nos eventos, por meio de mecanismos particulares. Inspirados no Realismo Crítico, Chouliaraki e Fairclough (1999) conseguiram organizar um modelo analítico que possibilitasse identificar problemas sociais, materializados em textos orais ou escritos. Essa abertura de possibilidades transdisciplinares fez com que a ADC ganhasse cada vez mais espaço na ciência social crítica, permitindo aos analistas de discurso uma compreensão cada vez mais ampliada da vida social, principalmente em relação aos elementos micro e macrosociais.

Chouliaraki e Fairclough (1999), em conformidade com Bhaskar (1986, 1998), entendem que as pesquisas em ADC devem estar voltadas para problemas práticos da vida social, vislumbrando, assim, uma *crítica explanatória* (BHASKAR, 1986, 1998, 2002), construída com base nas descobertas dos problemas sociais, oriundos das práticas sociais, e, a partir delas, buscar soluções para a sua superação. E para alcançar o potencial explanatório, o ponto de partida é a análise de como os significados são construídos na prática social. Para tanto, Fairclough (1989, 2003) propõe uma abordagem de análise de discurso que pode contribuir para o crescimento da pesquisa social crítica, uma vez que a ADC enfatiza a relação dialética entre o discurso e outros elementos das práticas sociais (outras formas de *semioses*: linguagem corporal, imagens visuais etc).

O modelo de análise proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), baseado na *crítica explanatória* de Bhaskar (1986, 1998, 2002), sugere cinco estágios:

- 1) Identificação do problema;
- 2) Obstáculos a serem enfrentados;
- 3) Função do problema na prática;
- 4) Possíveis maneiras de superar os obstáculos;
- 5) Reflexão da análise.

No primeiro estágio, conforme nos asseguram Chouliaraki e Fairclough (1999), o analista crítico do discurso deve *identificar o problema* que pode estar em alguma parte da vida social (ex. educação, política, economia etc).

No segundo estágio, o analista crítico do discurso deve reconhecer os possíveis *obstáculos a serem enfrentados*. Precisa fazer uma análise denominada por Chouliaraki e Fairclough (1999) de *análise de conjuntura*. Conforme os autores, a *conjuntura* a que eles se referem representa um trajeto particular de uma rede de práticas que constituem as estruturas sociais. Ao proceder à *análise de conjuntura*, o analista crítico de discurso deve atentar para a *análise de uma prática em particular* ou *práticas sociais*. Chouliaraki e Fairclough (1999) identificam 04 (quatro) momentos da prática social: *atividade material; relações sociais; fenômenos mentais e discurso*.

Um aspecto relevante destacado por Chouliaraki e Fairclough (1999) para a pesquisa analítica do discurso é o trabalho conjunto com outros métodos científicos sociais, particularmente a etnografia. Segundo os autores, a etnografia requer a presença do pesquisador por um período de tempo, no contexto da prática social, assegurando, portanto, um conhecimento que pode ir além do texto.

No terceiro estágio, o analista crítico do discurso procura olhar a *função do problema na prática*. Chouliaraki e Fairclough (1999) ressaltam a necessidade de que seja considerado o “se” e o “como” o aspecto problemático do discurso tem uma função particular dentro da prática social. Significa dizer que o analista deve se concentrar em apenas um aspecto da análise, acima dos obstáculos, para conseguir abordar o problema. Significa também mudar do “é” para “deve”, ou seja, passar da fase da *explicação* da prática que conduz ao problema para a fase da *avaliação* da prática, em termos de resultados.

No quarto estágio, o analista crítico do discurso procura as *possíveis maneiras de superar os obstáculos*. Deve-se também mudar do “é” para “deve”, isto é, se as práticas estiverem problemáticas ou danificadas, o analista tem que procurar transformá-las. O analista crítico do discurso deve, portanto, investigar os efeitos reprodutivos das práticas.

No quinto e último estágio, o analista crítico do discurso deve fazer uma *reflexão da análise*, isto é, manter-se como um pesquisador reflexivo, tendo em vista ser a pesquisa social uma pesquisa crítica. Nesse sentido, a reflexão feita pelo

analista crítico do discurso deve levar em consideração se o que está sendo realizado é de fato uma pesquisa que visa a algum tipo de mudança na prática social.

Reflexões interdisciplinares: narrativas de histórias de vidas

As considerações feitas por Chouliaraki e Fairclough (1999), com base no Realismo Crítico (Bhaskar, 1986, 1998, 2002), sobre o modelo de análise de *crítica explanatória* (BHASKAR, 1986, 1998, 2002), permitem uma reflexão mais profunda sobre como nós, analistas críticos do discurso, realizamos pesquisas com base na ACD. O que se tem visto nos últimos congressos da ACD são trabalhos com a preocupação de desvelar relações de poder e ideologia, mas que nada têm de *engajamento* junto aos reais problemas práticos da vida social. No meu entendimento, desvelar relações de poder, hegemonia, opressão etc deve ser apenas uma parte da análise realizada pelo pesquisador social crítico. Para alcançar um potencial crítico, como deseja Bhaskar (1986, 1998, 2002), em sua proposta de *crítica explanatória*, e corroborado por Chouliaraki e Fairclough (1999), é preciso não apenas desvelar as relações de poder, ideologia, opressão etc, mas, a partir delas, buscar soluções práticas para a sua superação.

Bhaskar (1998), ao construir seu pensamento filosófico sobre emancipação e transformação social, apresenta uma proposta para a ciência social crítica, pois, segundo ele, os mecanismos geradores dos problemas podem ser removidos. Para esse autor, a emancipação não pode ser alcançada apenas pela mudança da consciência; ao contrário, ela deve ocorrer na prática, ou seja, deve passar pela transformação dos próprios agentes ou participantes.

As contribuições das teorias sociais críticas são relevantes para a ACD. Todavia, há ainda muitos caminhos a percorrer. Nada está pronto e acabado. Reflexões frutíferas ainda estão por vir e certamente serão bem vindas. Do ponto de vista da análise de significados apresentados nos textos, alguns caminhos transdisciplinares surgem como uma tentativa de melhor compreender os níveis micro e macrossociais.

A abordagem etnográfica defendida por Chouliaraki e Fairclough (1999), bem como as narrativas de histórias de vida, contribuem para melhor ampliar a visão do pesquisador na análise de textos orais e escritos (cf. PAPA, 2005, 2007, 2008).

As narrativas de histórias de vida podem contribuir com a ACD, uma vez que fornecem pistas ao analista sobre outros significados que podem ou não estar presentes nos textos. Enquanto instrumento de coleta para gerar dados, os relatos de histórias de vida podem ser utilizados pelo analista crítico de discurso para uma compreensão mais *profunda* da estrutura social (BHASKAR, 1998, 2002).

As narrativas de histórias de vida são descrições de eventos em que são apreendidos os significados das ações dos participantes, suas crenças, valores e experiências vividas e como elas se desenvolvem. Conforme Clandinin e Connely (2004), as experiências são as histórias de vida das pessoas e consistem não apenas de fatos, mas também de valores, emoções e memórias. Nessa mesma perspectiva, Goodson e Sike (2001) argumentam também que as histórias são memórias e que todas as memórias são histórias. Ou seja, quando falamos sobre nós mesmos, estamos nos referindo à nossa identidade, sentimentos, imagens e os relatos revelam o modo como experienciamos o mundo. Contudo, nem sempre o pesquisador consegue captar toda a história de vida dos sujeitos, participantes da pesquisa. Quase sempre há um *ocultamento* de experiências tristes que foram por eles vivenciadas. Nesse caso, os elementos discursivos que poderiam ser cruciais para a análise deixam de ser revelados e o analista acaba não conseguindo capturar outros discursos da vida desses sujeitos.

Sob a ótica da ACD e do RC, alguns estudos³ vêm sendo feitos desde 2006, na Escola Estadual 'Meninos do Futuro', localizada no Centro Sócio-Educativo do Complexo Pomeri⁴, na cidade de Cuiabá/MT (cf. PAPA, 2007, 2008, 2009). Os professores da escola participam de grupos de estudos, nos quais são oportunizados momentos de

³ O projeto desenvolvido na escola tem como título: *Formação Contínua do Professor de Línguas: (Re) Construção da Prática Pedagógica*.

⁴ A Escola *Meninos do Futuro* está localizada no Centro Sócio-Educativo do Complexo Pomeri e atende crianças e adolescentes egressos de medidas socioeducativas, sob guarda judicial e em situação de risco.

discussões e reflexões sobre temas concernentes à emancipação e à transformação social.

A experiência realizada com os professores dessa escola, particularmente, com a professora Keila (nome fictício), tem mostrado resultados significativos do ponto de vista de mudança das práticas sociais.

Foram realizadas gravações de entrevistas⁵ com a professora e anotações de suas histórias de vida. Keila não autorizou que suas histórias de vida fossem gravadas. Elas foram registradas, etnograficamente, como anotações de campo. É importante ressaltar que as narrativas de vida de Keila serviram apenas como um instrumento para gerar dados, contribuindo, positivamente, para ampliar a minha visão enquanto analista crítica do discurso, a fim de obter uma melhor compreensão do contexto macrossocial, no momento da análise das entrevistas.

Keila trabalha na escola desde 2003. É professora de espanhol. Diz nunca ter trabalhado com adolescentes e jovens em situação de risco. É a sua primeira experiência com essa clientela estudantil. Ao relatar-me suas histórias de vida, ela menciona a sua família. Diz não ter conhecido sua mãe biológica. Fora criada pelo pai biológico e sua madrasta desde tenra idade. Por não ter tido uma filha mulher, sua madrasta adotou-a como legítima, dando-lhe todo o amor e carinho. Keila relata também que vivenciou, ainda criança, o drama da sua madrasta com o filho legítimo, ao vê-lo se envolver com drogas. Afirmo ter sofrido, juntamente com a mãe adotiva, o problema do irmão.

Em entrevista informal, Keila comenta sobre o esforço para realizar o 1º Seminário de Literatura⁶ na escola, no ano de 2006:

Esse Seminário de Literatura, desde 2004 era pra acontecer [...] pra nós desenvolvermos qualquer tipo de evento...**nós temos que ter apoio...**da

⁵ Uma versão da análise deste trabalho foi apresentada no IV GELCO (Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste), em novembro de 2008, na Universidade Federal de Mato Grosso. Foram utilizadas reflexões teóricas do Realismo Crítico sobre 'causalidade', 'poderes causais' e 'agentes causais' (cf. Revista Polifonia – IV GELCO, nº 17, p. 141-157, 2009).

⁶ Desde 1996, os professores passaram a realizar, anualmente, Seminários com os alunos. A cada ano, novos temas são selecionados. Alunos e professores escolhem a temática e organizam o Seminário. Pais, professores e autoridades do Centro Sócio-Educativo do Pomeri são convidados a assistirem às apresentações dos alunos. Drogas foi o tema escolhidos pelos alunos, no ano de 2009.

segurança...quanto do financeiro mesmo...por que? Porque se nós quisermos a sós não temos como. [...] **nós temos que ter** autorização pros meninos levarem os livros pra ala⁷.

Nesse excerto, Keila mostra a dificuldade em realizar qualquer tipo de atividade na escola. Ao dizer “qualquer tipo de evento *nós temos que ter* apoio da segurança”, Keila usa alto grau de modulação “*temos que ter*”, sinalizando proibição da escola para esse tipo de evento. Percebe-se que a estrutura social do Centro Sócio-Educativo do Complexo do Pomeri, composta por chefes e subordinados “disciplinados”, impede que qualquer evento social seja realizado no ambiente escolar.

Keila comenta também sobre a decisão tomada pelo Superintendente do Centro Sócio-Educativo do Pomeri, para a realização do 1º Seminário de Literatura:

[...] tem que ter autorização...né?...por que? [...] este ano o **Cristiano⁸ acreditou e resolveu apoiar**... a educação..ele viu a proposta ...**a proposta veio do Cristiano...nos envolvemos junto a ele...sentamos junto**....e ele falou...”se vocês acreditam eu vou apoiar.

Esse depoimento mostra de forma contundente o poder exercido pelo Superintendente Cristiano, o qual (des)autoriza qualquer atividade pedagógica na escola. Ao dizer: “o *Cristiano acreditou e resolveu apoiar*”, Keila usa processo mental *acreditar* para sinalizar uma atitude de decisão sobre a proposta de se realizar o Seminário. Percebe-se que a proposta de realização do Seminário surge a partir de Keila. É ela a responsável pela tentativa de negociação da proposta junto ao Superintendente. Enquanto detentor de poderes que lhe são atribuídos pelo Centro Sócio-Educativo do Pomeri, caberia somente ao Superintendente dar a voz de comando para autorizar a realização do Seminário.

Percebe-se que o seu engajamento não se concentra apenas no cumprimento das atividades pedagógicas que

⁷ Possui também o significado de quarto (linguajar utilizado pelos alunos e professora).

⁸ Nome fictício.

lhes são atribuídas. O interesse na realização de eventos como o Seminário de Literatura está intimamente ligado também às suas experiências de vida.

Conclusão

Neste artigo, apresentei algumas reflexões teórico-metodológicas da ACD, ressaltando aspectos da GSF e do RC considerados relevantes para analistas críticos do discurso que desejam agir com a finalidade de transformar as estruturas sociais de poder e opressão. As considerações feitas por Chouliaraki e Fairclough (1999), com base no Realismo Crítico de Bhaskar (1989), permitiram uma reflexão mais profunda sobre como nós, analistas críticos do discurso, estamos realizando pesquisas com base na ACD.

Assim como a etnografia, as narrativas de histórias de vida podem ser também úteis para a ACD, contribuindo, significativamente, para a compreensão dos mecanismos sociais de dominação e resistência ou de emancipação e de transformação social. Argumentei que as narrativas de vida permitem que outros significados invisíveis sejam interpretados. As experiências de vida da professora Keila, por exemplo, forneceram pistas para uma análise mais profunda sobre outros significados que não puderam estar visíveis nos textos. O interesse de Keila em realizar o Seminário de Literatura na escola revelou uma postura de educadora crítica no processo de emancipação. Ao privilegiar o desenvolvimento de práticas sociais libertadoras, Keila está também contribuindo para que a sua própria prática pedagógica seja, de fato, transformadora.

Desvelar relações de poder, opressão etc deve ser apenas uma parte da análise crítica do discurso. Para alcançar um potencial crítico, como deseja Bhaskar (1986, 1998), é preciso não apenas mostrar as relações de poder e ideologia existentes, mas, a partir delas, buscar soluções práticas para a sua superação. Este trabalho é apenas o início de uma longa caminhada a percorrer nas searas da ACD e RC.

Referências Bibliográficas

BHASKAR, R. *From Science to Emancipation: Alienation and the Actuality of Enlightenment*. Sage Publications: New Delhi/London, 2002.

_____. *Critical Realism: Essential Readings*. In: ARCHER, M.; BHASKAR, R.; COLLIER, A.; LAWSON, T.; NORRIE, A. *Centre For Critical Realism*. London: Routledge, 1998. p.16-47.

_____. *Scientific Realism and Human Emancipation*. London: Routledge, 1986.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. *Narrative Inquiry: experience and Story in Qualitative Research*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2004.

CHILTON, P. (Org.). *Language and the Nuclear Arms Debate: Nukspeak Today*. Londres: Pinter, 1985.

CHOULIARAKI, L. *Regulation and Heteroglossia in One Institucional Context. The Case of a 'Progressivist' English Classroom*. 1995. Universidade de Lancaaster.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse*. London and New York: Routledge: Taylor & Francis Group, 2003.

_____. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001.

_____. *Language and power*. London: Longman, 1989.

GOODSON, I.; SIKE, P. *Life History Research in Education Settings*. Buckingham – Philadelphia: Open University Press, 2001.

HALLIDAY, M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

KRESS, G. *Critical Discourse Analysis*. In: GRABE, W. (Org.). *Annual Review of Applied Linguistic*, v.11, p. 84-99, 1990.

PAPA, S. M. de B. I. *Prática pedagógica emancipatória: o professor reflexivo em processo de mudança: um exercício em análise crítica do discurso*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

_____. *Realismo crítico e a formação emancipatória do educador de línguas*. Texto apresentado em Conferência na

UnB - NELiS (Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade), 2008a.

_____. O professor reflexivo e a sala de aula de língua estrangeira: uma análise crítica do discurso. In: MALUF - SOUSA et al. (Org.). *Fronteiras discursivas: espaços de significação entre a linguagem, a história e a cultura*. Campinas-SP: Pontes; Capes/PQI (Unicamp/Unemat), 2007. p.151-164.

_____. *O professor reflexivo em processo de mudança na sala de aula de língua estrangeira: caminhos para a (auto)emancipação e transformação social*. 2005. 209f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil*. 2008. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Universidade de Brasília, Brasília.

VAN DIJK, T. Principles of critical discourse analysis. *Discourse & Society*, v. 4, n. 2, p. 249-28, 1993.

VAN DIJK, T. *News as Discourse*. Hillsdale: N. J.: Erlbaum, 1988.

Aceito em: 03.06.2010

